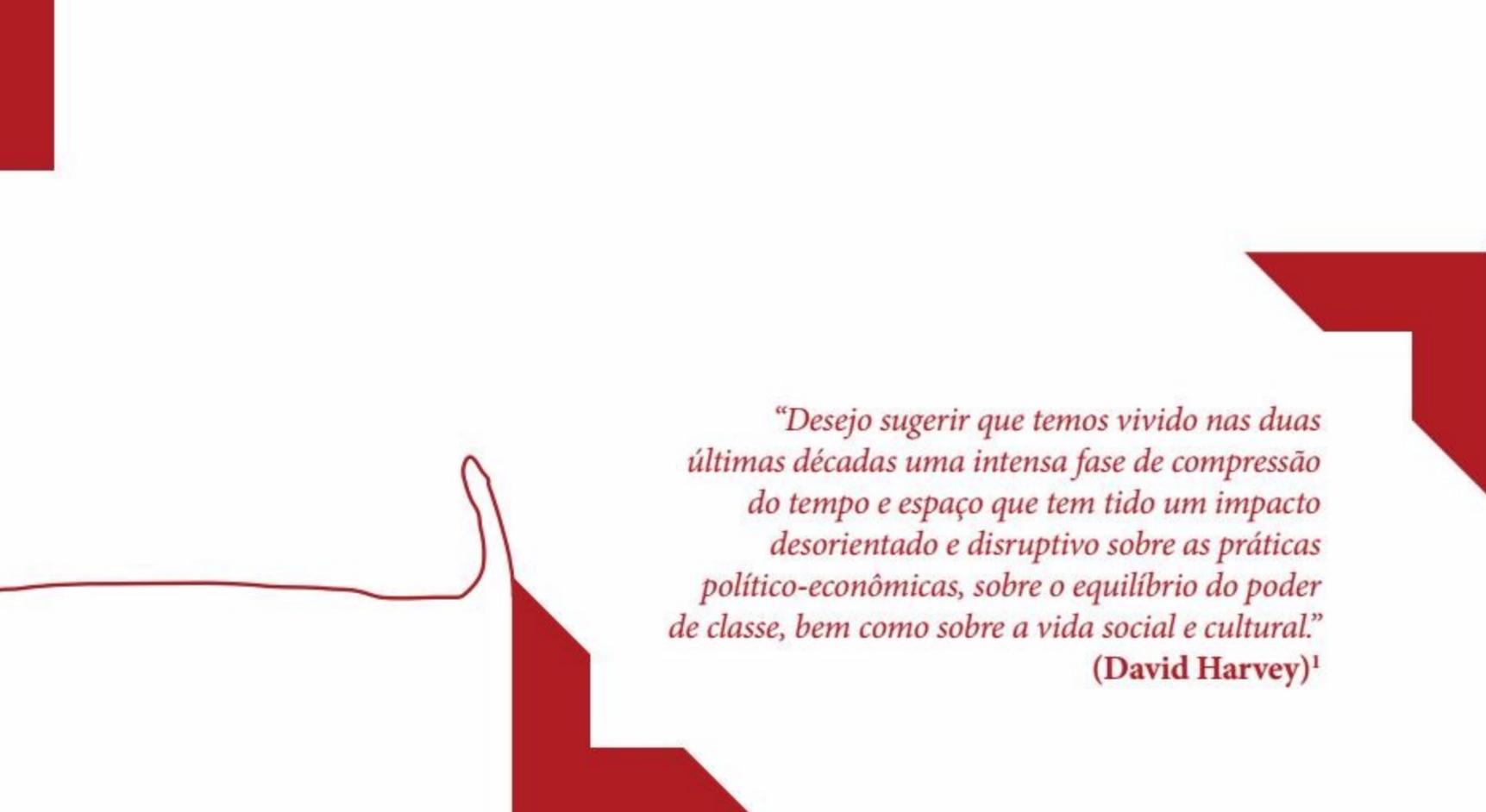




PERFORMATIVIDADE COMO PEDAGOGIA

Beth Lopes



“Desejo sugerir que temos vivido nas duas últimas décadas uma intensa fase de compressão do tempo e espaço que tem tido um impacto desorientado e disruptivo sobre as práticas político-econômicas, sobre o equilíbrio do poder de classe, bem como sobre a vida social e cultural.”
(David Harvey)¹

Pensamos, como condição de um percurso teórico, sobre a performatividade, em que os conceitos e as práticas artísticas expandidas de teatro e de outras artes contemporâneas transitam; articulando-se em torno das noções de experiência, de teatralidade e da estética relacional, que, como consequência, elevam o aspecto vivo e presente das artes, tensionando a nossa noção espaço-temporal.

Mas o que significa performatividade? A origem dessa noção aparece na linguística, nos anos 60, especificamente na Filosofia da Linguagem, com John L. Austin e desenvolvida por J. R. Searle, com a teoria dos atos de fala, para quem performatividade significa executar uma ação e dizer é fazer algo. Desse modo, a linguagem se liga às

Algo: O significado coincide com o ato do proferimento. "Eu aceito essa mulher como minha esposa" ou "Eu nomeio este navio de Queen Elizabeth". L. Austin, John. Como hacer cosas con palabras. Barcelona, Palabras y acciones, 1998.

¹ HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. 2014, p. 257.

² BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. São Paulo: Martins, 2009.

situações da própria vida. A ideia de performatividade, em sua amplitude, foi incorporada pelos movimentos da vanguarda artística dessa mesma época, como um modo de confrontar realidades e desconstruir categorias de saber e poder. De forma sintética, a performatividade é vista como um substantivo que implica em fazer algo, ao mesmo tempo que um adjetivo, apontando para o modo de ser de algo integral ou um recorte da “vida real”. A performatividade está, portanto, diretamente ligada à noção de ser e fazer. Desse modo, *performar*, cujo significado em inglês e português (menos usado por aqui) também significa atuar, resume o papel da ação na linguagem teatral, e faz com que a noção de performatividade esteja diretamente ligada à noção de teatralidade. Significa pensar que a teatralidade deriva do teatro, mas não se limita a ele. Assim, teatralidade pode ser um modo de representação, um estilo de comportamento histriônico, um ato, uma atitude, uma prática, um modelo de interpretação para descrever identidades psicológicas, cerimônias sociais, festas, mas também um conceito teórico conectado com o *performar*, ou seja, o ato que deixa entrever a vida no teatro e o teatro na vida. Nesse contexto, cabe ainda ressaltar que o surgimento da noção de *performance* como linguagem se liga à noção de performatividade/teatralidade (quase sinônimos) da vida e da arte.

São muitas as controvérsias e as investigações sobre esse tema. Teatralidade seria um modo de expressão ou um modo de percepção? Segundo a socióloga norte-americana Elizabeth Burns³, a teatralidade precede o desenvolvimento do conceito de teatro determinado historicamente e culturalmente. A teatralidade não pode ser definida como um particular modo de comportamento ou expressão, mas determinada por um ponto de vista, ou seja, como um modo de percepção. Assim, a autora propõe uma história do teatro que pode ser compreendida como a história da percepção e sua condição social e cultural. O também norte-americano, diretor teatral, professor e editor Richard Schechner é bastante conhecido nesse assunto, por aproximar seus estudos de *performance* das ciências sociais. Com o antropólogo Victor Turner⁴, o desdobramento dessa parceria trouxe uma ampla discussão

³ BURNS, Elizabeth. *Theatricality. A study of a convention in the theatre and in the social life*. London, Longman, 1972.

⁴ TURNER, Victor. *The anthropology of performance*. In: *The Anthropology of performance*. Nova York: PAJ Publications, 1987.

sobre as relações estreitas entre teatro, performance, performatividade e teatralidade, arte e vida⁵.

O performativo, portanto, é o que coloca em jogo as diferentes realidades, o que toca na intersubjetividade do performer e do público, nos diálogos dos corpos e dos gestos, colocando assim todo o processo de criação em jogo. O performativo, diz ainda a professora norte-americana Diana Taylor, pode funcionar, mais ainda, como um operador que permite transmitir e gerar conhecimento por meio do corpo, da ação e do comportamento.

⁵ SCHECHNER, Richard. **Performance Studies: An Introduction**. New York & London, Routledge, 2007.